

# PROSA

## Dois Dedos de

Nº 45 - Recife PE - Julho de 2005

Foto: Arquivo Centro Sabiá

Forró, coco, ciranda, bolo. Amigos e amigas, parceiros e parceiras. Muita animação. Uma alegria contagiante. Uma festa pra lá de boa. Assim foi o aniversário de 12 anos do Centro Sabiá e que vale a pena recordar.

# SABIÁ

## 12 anos

Veja páginas, 2 e 3.

Leia mais:

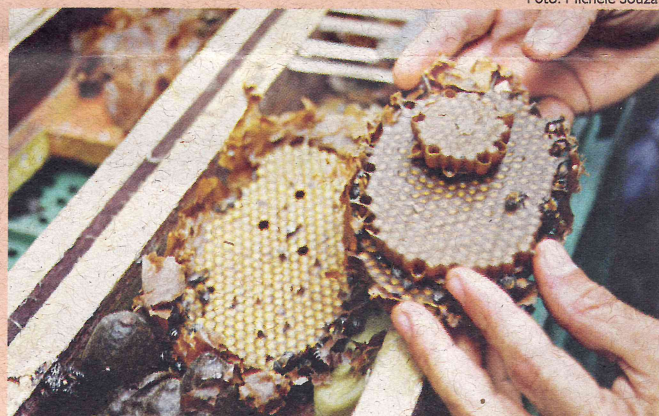


Foto: Michele Souza

**Agrofloresta e abelhas**

págs. 4 e 5



Foto: Antônio Carlos

**Quintais transformados**

pág. 6

## Construindo conhecimento e fortalecendo a agricultura familiar

POR JOSEILTON EVANGELISTA

Completar 12 anos tem um significado muito importante. É a passagem para um novo estágio da vida. É com este sentimento que o Centro Sabiá vive um momento importante, de festejos, de comemorações, de confraternização. Alegando-se e compartilhando com as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o seu crescimento.

O Centro Sabiá compreende também que a responsabilidade e o compromisso que traz, e que levará consigo, é muito grande. Traz consigo também a crença na capacidade das pessoas, em especial nos agricultores e nas agricultoras que sempre buscaram e continuam buscando melhores dias de vida para suas famílias. Tudo isso num processo de construção coletiva do conhecimento que se traduz nas iniciativas das famílias agricultoras com suas produções agroflorestais, nas feiras agroecológicas e na participação das mulheres e dos jovens nos processos de transformação social.

Nesta edição do **Dois Dedos de Prosa**, abordamos as iniciativas realizadas por jovens e mulheres, convencidos que são esses processos que cada vez mais precisam ser mostrados para a sociedade e para as organizações. Mostrando que é possível viver no campo com dignidade, respeito e cidadania. E é a partir desta realidade que o Centro Sabiá se anima para continuar sua caminhada acreditando que pode fazer muito mais, especialmente se articulado com outras organizações, para o fortalecimento da agricultura familiar agroecológica.

# Um aniversário pra lá

## Centro Sabiá comemora 12 anos com muito

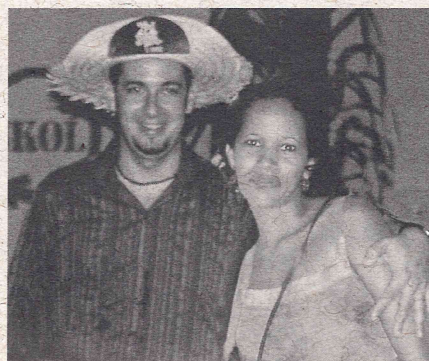
POR REBECA BARRETO

O Centro Sabiá comemorou seus 12 anos de história com muito forró e coco. A festa aconteceu em junho, no espaço de Arlindo dos Oito Baixos, no Recife. Lampiões e Maria Bonita, Aurinha do Coco e uma das bandas de Arlindo animaram a festa, até o amanhecer. Agricultores e agricultoras, representantes de entidades, funcionários e funcionárias do **Centro Sabiá** abrilhantaram o momento festivo.

A data do aniversário do **Centro Sabiá** é 9 de julho. A entidade antecipou a comemoração para aproveitar o clima alegre das festas juninas e promover um forró caprichado. Veio gente de perto e de longe. "Chegamos de Triunfo com mais sete pessoas só pra ver essa festa, que tá muito bonita!", diz José

Milton (Miltinho), agricultor e poeta do sítio Carro Quebrando, Triunfo.

Foi difícil não cair no passo do coco e do forró. A Equipe do Sabiá aproveitou cada segundo da festa. "Acho que conseguimos superar a festa dos 10 anos. Estou muito feliz com o resultado", comenta o coordenador geral do **Sabiá**, José Aldo dos Santos. Para os organizadores da festança, tudo saiu de acordo com as expectativas. "O aniversário foi um momento de integração da equipe e contou com o apoio de todos. Acho que foi muito rico e animado", afirma Pedro Eugênio, funcionário do **Sabiá** e um dos organizadores. Janaina Ferraz, também da equipe de organização, concorda com Pedro: "Foi muito bom ouvir dos convidados que eles gostaram e que se divertiram. Foi um momento único".



Pedro e Janaina da equipe de organização



A secretária do Sabiá, Neide, com o seu amor



Agricultor Luiz Barros e sua esposa



Troca de energia na ciranda

# de bom

## forró e coco de roda



Não faltou bolo e animação no salão



Agricultor Miltinho declamou sua poesia

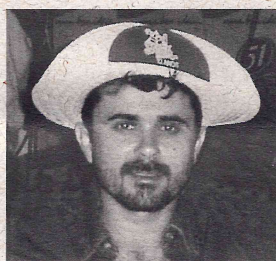


Aurinha botou todo mundo pra dançar

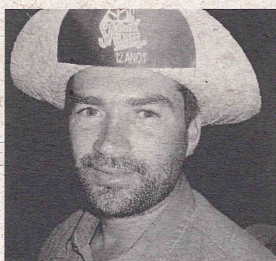


O pessoal da ASA/PE presente no forró

### Com a palavra quem esteve lá



"O parabéns e a ciranda foram os dois melhores momentos da festa. Pra falar a verdade, a festa foi repleta de bons momentos, do início ao fim!"  
Joseilton Evangelista - fundador do Centro Sabiá



"A participação do Sabiá foi fundamental para a construção da Adessu. Para nós é muito gratificante participar dessa festa pra comemorar os seus 12 anos". Roberto Alves de Lima  
Adessu Baixa Verde



"Achei a festa excelente. O momento que mais gostei foi quando tocou a ciranda porque pude dançar. Acho que tem que ter uma festa assim todo ano".  
Margareth Carneiro - funcionária do Sabiá

# Agrofloresta e abelhas uma p

A agricultura agroflorestal favorece a preservação das abelhas n

POR LAUDENICE OLIVEIRA

**O** gosto de trabalhar com abelhas ele pegou com o pai, que gostava de criar abelhas de uruçú. O agricultor Rafael Justino, é coordenador Geral da Agroflor (Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroflorestais de Bom Jardim), Agreste de Pernambuco e, com o incentivo do Centro Sabiá, manteve a criação de abelhas. Hoje, ele é agricultor agroflorestal e investe em apicultura e meliponicultura como uma forma de diversificar sua produção e contribuir com a preservação das abelhas nativas e do meio ambiente. Nesta entrevista ele fala das abelhas e do seu trabalho, acompanhe.

Foto: Vilmar Lermén



Algumas  
de abelha  
melipona

- C
- M
- Ja
- M
- U

**DDP** – Quando você começou a trabalhar com as abelhas?

**Rafael** – O meu pai criava abelha de uruçú, quando eu era criança. Eu gostava de cuidar das abelhas com ele. Depois eu conheci o Sabiá e em 97, a gente resolveu começar um trabalho com as abelhas africanizadas. Ficamos então, trabalhando em parceria.

**DDP** – Então, vocês começaram a trabalhar com as africanizadas, as que têm ferrão. A uruçú é nativa, não tem ferrão, chama-se de melipona, não é isso?

**Rafael** – É, essas abelhas que chamam uruçú, colocam o nome de meliponas, feito chamam as com ferrão de africanizadas. Aqui em

Pernambuco, a uruçú é nativa daqui da região do Agreste até a Zona da Mata.

**DDP** – Quando você resolveu trabalhar com as abelhas de uruçú?

**Rafael** – Quando meu pai morreu, ficaram dois cortiços. Eu procurei me informar para saber como dividir o enxame, para fazer outros cortiços. Comecei a fazer outros.

**DDP** – Como é que se faz para tirá-las do seu local de origem, da mata, para fazer o cortiço caseiro?

**Rafael** – Elas costumam se instalar em um tronco velho de árvore. Você corta e traz pra casa. Abre, tira a fiação e coloca em outro lugar. Futuramente, eu tô pensando em

dividir mais os meus enxames, fazer umas espécies de ninho e deixá-los lá no mato.

**DDP** – Por que você pretende fazer isso?

**Rafael** – Porque a gente já não encontra mais elas lá no mato. As pessoas dizem que tinha bastante, antigamente. Agora, é difícil achar.

**DDP** – Não será, por conta da devastação das matas?

**Rafael** – Eu acho que é. Mas agora, com essa idéia de agrofloresta, acho que vai ajudar a preservar as matas. Por isso, eu tô com a idéia de fazer os ninhos e botar lá no mato, porque

# Arcebia perfeita

ativas e elas contribuem para polenização de várias espécies

ela vai produzir exame e povoar novamente as matas.

**DDP** – No caso, o mel que elas produzirem não será coletado para o consumo. O que acontece, quando o mel não é coletado?

**Rafael** – Elas produzem o mel, quando é no inverno que não tem florada para elas, elas tomam o mel, o pólen. As africanizadas, quando não tem florada, elas consomem 100% do mel. Já as meliponas não, elas sempre deixam uma reserva boa.

**DDP** – Você fez curso para aprender a lidar com as abelhas?

**Rafael** – Sim. A gente fez a parte

teórica, de aprender como lidar, etc. Também fez a parte prática: dividir os exames, fazer colméias, escolher a rainha. A gente tá pensando em fazer divisão para colméias, porque os modelos que a gente tem é muito rústico. A gente tá pensando em fazer uma colméia mais moderna. Queremos fazer mais exames para passar para outros agricultores.

**DDP** – Qual o destino da sua produção de mel?

**Rafael** – Consumir e vender. A abelha é também uma fonte de renda. É uma atividade que não dá despesa, e dá um bom lucro. Em 2004 eu tirei 104 litros de mel de italiana, de uruçú eu só tirei 14 litros, porque tenho poucas colméias, mas já tenho umas novas que em breve eu coletei mel delas.

**DDP** – E quanto custa cada litro de mel?

**Rafael** – O mel da italiana eu vendo por R\$ 20,00 e a de uruçú por R\$ 90,00. Dá um bom rendimento, porque elas não dão tanto trabalho quanto às outras coisas que a gente faz. Por exemplo, eu crio alguns animais. Tenho um boi que vale uns R\$ 1.500,00. Mas, a gente investiu dinheiro quando comprou ele, é uma mão-de-obra muito grande para cuidar. Às vezes, a gente tem que comprar um pouco mais de capim, a outras pessoas, pra ajudar na ração.

**DDP** – E o mel, você só coleta uma vez por ano?

**Rafael** – Não. Às vezes dá pra fazer três coletas, se a florada for boa. Elas produzem rápido e a gente tem que tirar o mel, porque se não tirar elas param de produzir e a gente perde com isso. Entre novembro e março, por exemplo, têm

umas plantas de florada mais densas como a jurema, o marmeleiro, o ingá. Nesse período, quando não tem uma tem outra, é quando a gente consegue fazer umas três coletas de mel.

**DDP** – Isso depois que você resolveu fazer agrofloresta?

**Rafael** – É. Eu fiz assim: recuperei o que eu já tinha, porque eu fazia queimada. Eu não trabalhava com adubo químico, mas fazia queimada, derrubava tudo para trabalhar a vontade. Com a agrofloresta eu já cuido de preservar o que tenho, o que eu não tenho eu vou buscar pra plantar e recuperar as áreas degradadas. As abelhas também contribuem na polenização das plantas, principalmente das nativas.

## Erramos na Geografia

Na edição passada do **Dois Dedos de Prosa** (Nº 44), na matéria das páginas 4 e 5, informamos que Pesqueira e demais municípios vizinhos ficam no Agreste Setentrional. A informação está errada, o correto é que ficam no Agreste Meridional. Queremos deixar claro, também, que quem promoveu o evento da Semana da Água, em Pesqueira, foi a Articulação do Semi-Árido (ASA/Agreste Meridional). Pedimos desculpas aos nossos leitores pelas falhas.

espécies  
nativas /  
s

nudo

ndaçaia

ai

ça-branca

uçú

# Quintais agroflorestais

## Mulheres transformam o quintal de casa

POR ANTÔNIO CARLOS FERREIRA

Um grupo de mulheres do Assentamento Capim, em Seretânia, no Sertão de Pernambuco, está transformando seus terreiros em pomares. A idéia é fortalecer e multiplicar a agricultura agroflorestal na área. Elas querem garantir a preservação do meio ambiente e

Fotos: Antônio Carlos

alimentos saudáveis para a família, aumentar a produção nos seus quintais para que futuramente possam beneficiar os produtos e comercializá-los.

O Assentamento Capim originou-se a partir da organização de 15 famílias, que lutaram para conquistar a terra. Hoje, são 18 famílias assentadas no local, que organizaram uma Associação Comunitária, para discutir

assuntos do interesse da comunidade e resolver seus problemas. A maioria das famílias ainda trabalha a terra de forma tradicional: broca, queima, destoca e ara. Um grupo formado por seis mulheres começa a modificar essa realidade. “Eu comecei

na porta da cozinha, plantando guandu, mamão, cirigüela. Deu vontade de plantar na frente de casa. Aí, plantei moringa, caju, aroeira, catingueira e outras”, conta Josefa Maria do Nascimento, mais conhecida como Neguinha.

Neguinha diz que já tinha idéia de fazer isso, mas que prosperou depois que o técnico do Centro Sabiá começou o trabalho no assentamento. “Eu comecei a colocar em prática depois que Antônio Carlos, veio trabalhar com a gente, aí melhorou a possibilidade de fazer agrofloresta”. O trabalho recebe o apoio do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). O Centro Sabiá é que promove atividades de capacitações, organização associativa, criação de pequenos animais e implantação de quintais agroflorestais.



No quintal: milho, feijão, fruteiras

## Intercâmbios e cursos motivam

“Eu comecei quando participei do Curso de Agrofloresta que houve aqui no assentamento. Assiti a fita sobre agrofloresta e achei tudo muito bonito, tudo verde. Isso reforçou a vontade que eu já tinha de fazer”, afirma Maria Auxiliadora. Já Maria das Dores, a Dorinha, diz que se interessou em fazer agrofloresta no seu quintal depois que participou de um intercâmbio. “A gente conheceu algumas áreas de agrofloresta em Triunfo. Gostei muito da área de seu Noé. Isso me animou para começar também”.

Para essas mulheres, seus quintais agroflorestais são muito

importantes por diversas razões. “Melhorou o alimento. Para quem não tem como sobreviver, a gente ter essas coisas é uma forma saudável de viver”, diz Neguinha. Auxiliadora

complementa: “Além do alimento que tiramos dos nossos quintais também é uma fonte de renda”. Na realidade, esses quintais, que estão no meio rural e nas cidades, são espaços que podem ser bem usados para plantar diversas cul-

turas e para criar animais como galinhas, porcos. Representa um espaço de produção de alimentos, de remédios e de cultura.



Uma boa sombra para a família

# Juventude rural e arte

## O teatro é uma forma de integrar jovens nas comunidades

Fotos: Arquivo Grupo Aos Vivos

POR ALEXANDRE HENRIQUE PIRES

Quinze jovens de várias comunidades rurais dos municípios de Triunfo e de Santa Cruz da Baixa Verde, Sertão de Pernambuco, traz uma outra dinâmica para a juventude rural local, através do teatro. O grupo teatral **Aos Vivos** tem apenas um ano de idade, mas vem dando o que falar.

A história do grupo de teatro juvenil tem tudo a ver com a ADESSU Baixa Verde, uma associação de agricultores agrofloretais, que tem como uma de suas linhas de ação trabalhar com crianças, adolescentes e jovens. Em 2004 a ADESSU promoveu dois encontros para discutir com os jovens das comunidades rurais da Serra da Baixa Verde, propostas de organização para estimular a participação e envolvimento dos jovens na vida de suas comunidades.

## Mudança de vida

Para essa turma, as mudanças ocorridas em suas vidas a partir do teatro são as mais diversas. Expressar-se melhor e com mais segurança e falar em público são algumas delas. Para esses jovens, o teatro proporciona mais liberdade, promove a convivência com novas pessoas e ensina a lidar com os problemas. "Agora eu sei me expressar melhor, sem timidez. Na escola eu tinha muita dificuldade de falar na frente de meus colegas. Agora eu falo na frente das pessoas sem vergonha", diz a jovem Vânia, do sítio Pará, Triunfo.

Para a ADESSU, também é uma grande conquista. "Esse trabalho faz com que os jovens se desenvolvam como pessoa, comprometam-se com

No segundo encontro, esse grupo de jovens manifestou o desejo de se organizar para trabalhar as mais diversas formas de expressão das artes populares através do teatro, da música, e da dança. Desde então, a ADESSU vem apoiando o trabalho dos jovens. A cada dois meses eles realizam oficinas de expressão corporal, interpretação, cenografia e figurino. Quem anima o grupo é o educador, músico e ator Lucivaldo Ferreira.

Com apenas quatro meses de existência o **Aos Vivos** realizou sua primeira aparição em público. O grupo apresentou uma pequena peça intitulada: **Sementes da Terra**, durante o

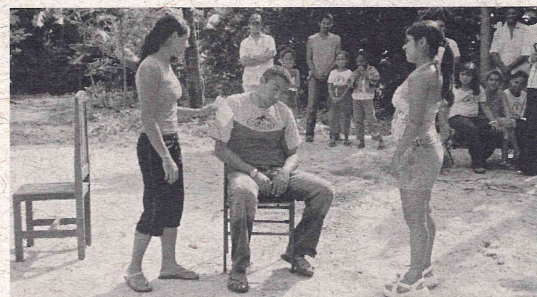
a vida, com outros jovens, com suas comunidades e ampliem os laços de amizade", observa Lourdinha Nascimento, educadora da ADESSU que vem acompanhando o grupo desde os primeiros momentos. "Eles cresceram e estão crescendo, valorizam mais a escola e se sentem referência para outros jovens de suas comunidades e escolas. O teatro aproxima e eleva a auto-estima", completa Lourdinha. O grupo já está se preparando para o futuro. Estão montando um espetáculo para ser apresentado em dezembro próximo.

Roni, Romério, Lílian, Vânia, Aldo, Fátima, Irlane, Leidiane, Suzane, Geovando, Hélio, Jaqueline, Gilberto e Simone são jovens que deixam suas



Grupo Teatral Aos Vivos

V Encontro Estadual da ASA Pernambuco, realizado em outubro de 2004, em Triunfo, para mais de duzentas pessoas. Em junho deste ano, o grupo apresentou a mesma encenação em outros dois eventos: no I Festival de Economia Popular e Solidária do Pajeú, realizado na cidade de Afogados da Ingazeira e no 5º Aniversário da Feira Agroecológica de Serra Talhada.



Momentos de ensaios

comunidades em direção à cidade de Triunfo pelo menos uma vez por mês. Lá, aprendem e ensinam um pouco de arte e um pouco da vida aos amigos. Carregam consigo a euforia do reencontro, a alegria da amizade, a certeza do aprender fazendo. Mantêm a tranquilidade no pedir ajuda e no querer ajudar. São jovens que têm a oportunidade de construir seu futuro. Para Kelle e Rodrigo, que estão se incorporando ao grupo agora, a caminhada está só começado.

# Flores tropicais na Mata

## Jovem de Ribeirão aposta nesse tipo de cultivo

POR SANDRO GUSMÃO E REBECA BARRETO

O jovem Erivan José dos Santos começou cedo a trabalhar na propriedade do pai, no assentamento Águas Claras, em Ribeirão, Mata Sul de Pernambuco. Com 14 anos se interessou por novas formas de produção e escolheu trabalhar com flores tropicais, dentro da agricultura agroflorestal. Uma idéia que ele investe diariamente na sua área de terra.

O despertar para o cultivo de flores aconteceu quando soube de um curso de floricultura em Ribeirão. Erivam procurou os responsáveis pelo curso para participar. A alegria durou pouco, por ser muito jovem não permitiram a sua participação. Mesmo assim, ele persistiu e iniciou a experiência plantando flores.

No ano de 2003, Erivam acompanhou o pai em uma das visitas oferecidas pelo Sabiá à propriedade do agricultor Paciência. Lá, deslumbrou-se com a idéia de produzir e ao mesmo tempo preservar o meio ambiente. No mesmo ano, através da Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroflorestais de Ribeirão (AFLORA), iniciou no Espaço Agroecológico de Boa Viagem (Feira Agroecológica) a venda de flores tropicais, onde chegou a lucrar R\$180,00 por mês. "A procura dos consumidores era grande, mas por motivos maiores tivemos que deixar o Espaço e não estamos mais comercializando. Deixei de ter a minha renda com a produção das flores", lamenta o rapaz.

### Partilhando conhecimentos

Hoje, Erivam tem 16 anos. Ele continua motivado com as experiências e com os conhecimentos que

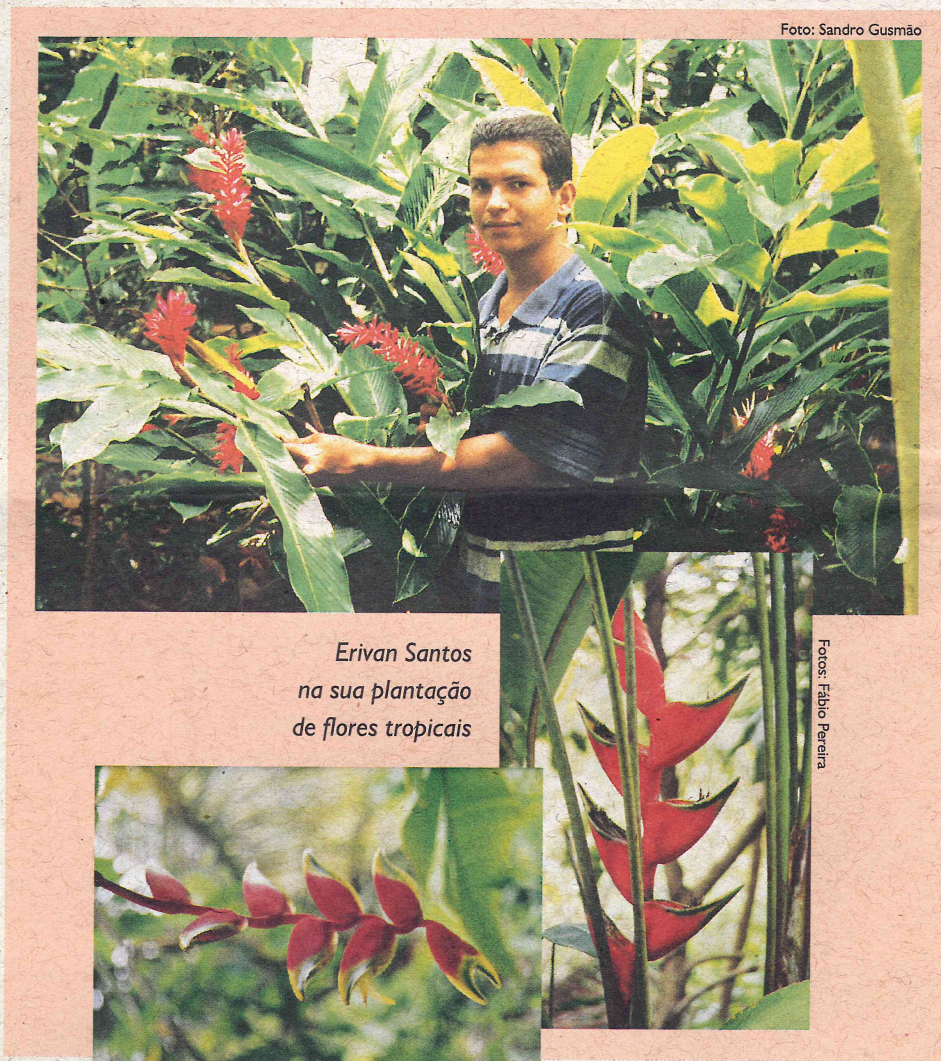


Foto: Sandro Gusmão

Erivan Santos  
na sua plantação  
de flores tropicais

Fotos: Fábio Pereira

adquiriu. Erivam participa ativamente do desenvolvimento da agricultura agroflorestal na propriedade da família. Também participa de reuniões na Aflora e nas capacitações do Centro Sabiá. Além dessas atividades com as entidades, o jovem divulga a prática agroecológica na escola onde estuda em Ribeirão. Erivan faz palestras nas salas de aula. "Eu acho muito bom falar sobre meio ambiente na escola, assim, eu estou conscientizando a

população", afirma ele.

O jovem demonstra muita determinação e confiança nesta empreitada. Erivam é um exemplo entre os jovens da sua idade. "Pra mim isto é um grande passo para o futuro. Hoje tenho orgulho de ser filho de agricultor, enquanto tem muito jovem por aí sem esperança na vida. Meu objetivo é trabalhar no presente e mais na frente ter uma vida mais saudável e o meio ambiente bem preservado."

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Endereço: Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50050-080. Fone/Fax: (81) 3223.3323/7026. E-mail: [sabia@centrosabia.org.br](mailto:sabia@centrosabia.org.br). Diretoria: presidente - Jones Severino Pereira; vice-presidente - Domingos Sávio; secretária - Sandra Regina. Coordenação: coordenador geral - José Aldo dos Santos; coordenadora administrativa - Verônica Batista. Equipe Técnica: Adeildo Fernandes, Alexandre Henrique Pires, Antônio Carlos Ferreira, Jailson Lopes da Cunha, João de Paiva Tenório, Pieter Vranckx, Reginaldo José da Silva, Sandro José de Gusmão, Sara Regina Rufino e Vilmar Lermen. Equipe Administrativa: Carla Maria de Oliveira, Edneide Alves, Eliezer Ricardo da Silva, Janaina Ferraz, Márcia do Amaral, Margareth Carneiro, Pedro Eugênio da Silva, Tarciana do Nascimento, Valdemir Rodrigues e Vânia Luiza Silva. Edição: Ludenice Oliveira (DRT/PE 2654). Estagiários(as): André Giaquino Ferri e Mona Andrade Nagai (Licenciatura em Ciências Agrárias); Rebeca Barreto (Comunicação). Diagramação: Marta Braga. Apoio: ICCO, Ministério do Meio Ambiente, TDH e Misereor. Tiragem: 2.000 exemplares. Impressão: Polycromia \*O Dois Dedos de Prosa é impresso em papel reciclado